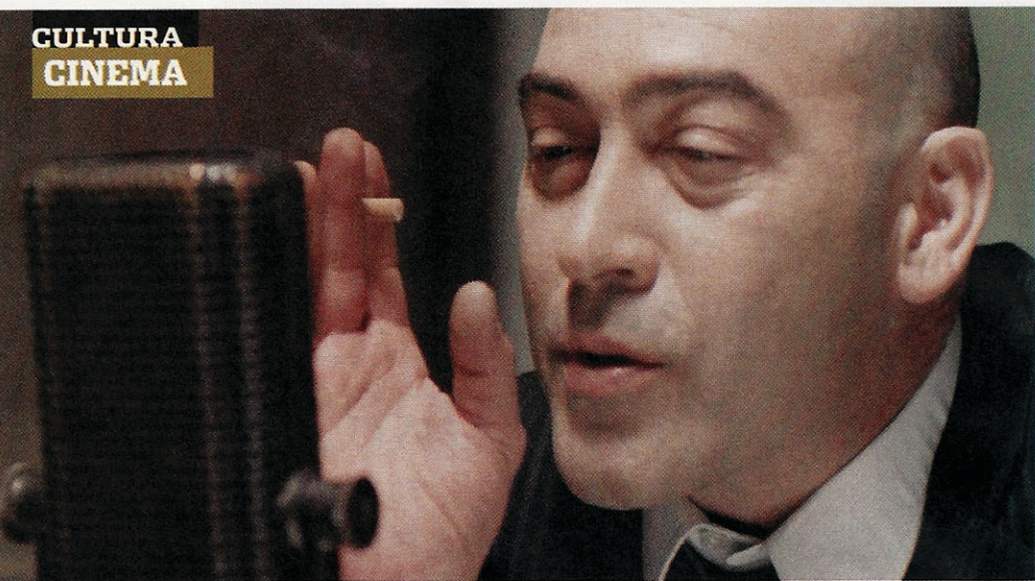


CULTURA
CINEMA

Obviamente delito

Operação Outono remexe em águas muito turvas, da história, da política e da justiça. A trapalhada trágica, o embaraço diplomático, a emboscada da PIDE a Humberto Delgado, o general à prova de bala

POR ANA MARGARIDA DE CARVALHO

Era um homem napoleónico: «Primeiro avançar e depois logo se vê.» E assim o realizador Bruno de Almeida retrata Humberto Delgado, em *Operação Outono* (estreia-se hoje, dia 15), um filme que lança um último olhar sobre um general, sem medo sempre, mas já na sua fase de ocaso. A caminhar, desarmado de espírito mas de revólver no coldre, desabrida, irrefletida, e até ingenuamente para a morte. Estes são os seus últimos passos, as suas últimas inquietações, o seu último desassossego: «Eu sou um homem de ação.» Aí está o homem que obviamente demitia Salazar, perdidas as fraudulentas eleições de 1958 (75,8% para o almirante Américo Tomás,

23,4% para o general), cansado de estar à espera, na Argélia, a convite do então Presidente Ahmed Ben Bella. Os «camaradas de exílio» recomendavam-lhe prudência quando ele só sentia urgências: «As revoluções não se fazem com balas de papel.» Delgado embarcou, com uma generosidade incauta, num embuste, com nome de estação do ano, muito mal-amanhado pela PIDE. Uma cilada de morte, condenação capital para um general incómodo, que desafiava o regime e não mostrava tréguas de apaziguamento. Ele queria ação, exigia revolução.

Baseado na biografia do general, escrita pelo seu neto, Frederico Delgado Rosa, o filme consegue transmitir alguma pujança

no Accorsi foi Salgueiro Maia, em *Capitães de Abril*, de Maria de Medeiros; agora, o ator da série *Os Sopranos*, John Ventimiglia, é Humberto Delgado. Em ambos os casos, ganhou-se em carisma e parença física; em *Operação Outono*, perdeu-se em dessincronia da dobragem.

Bruno de Almeida conta que mal acabou de ler o livro *Humberto Delgado – Biografia de um General sem Medo* (2008), veio-lhe a ideia de filmar uma adaptação. Interessava-lhe, sobretudo, as circunstâncias nunca esclarecidas, ou nunca prevalectas na justiça, da morte do general.

«A história nunca tinha sido bem contada, houve uma série de mentiras sobre a forma como Humberto Delgado foi assassinado, nos resultados do julgamento em tribunal. Dramaticamente, tinha todos os elementos para ser um filme, é mirabolante, com episódios incríveis», comenta o realizador. Acrescenta: «Em termos de corrupção e de tribunais continuamos numa sociedade arcaica.» O filme decorre entre o início da operação, a ratoeira armada para atrair o general até perto da fronteira, e prossegue,

Humberto Delgado

O general é interpretado pelo actor de *Sopranos*, John Ventimiglia

a um político que já parecia estar na mesma fase da operação que levava o nome de código *Outono*. Isolado, desacreditado, desapoiado. Ironicamente, sempre que um cineasta tem disponível um papel de um herói nacional, opositor ao Estado Novo, entrega-o a um ator estrangeiro: o italiano Stefa-

CULTURA
CINEMA

► depois, em 1981, quando o caso foi levado a tribunal, com a PIDE no banco dos réus – alguns agentes presentes, outros ausentes (como o célebre Rosa Casaco, que comandou toda a desastrosa operação), mas sem redundar em nenhuma pena de prisão efetiva. O julgamento é denunciado como uma farsa por Frederico Delgado Rosa: «Os juízes do Tribunal de Santa Clara deturpam de forma grosseira e deliberada a verdade material do crime, por motivos políticos, no sentido de ilibar postumamente a figura de Salazar.» O acórdão de julho de 1981 considerou que o objetivo era apenas raptar, e não matar, Humberto Delgado.

Perdido o protagonista principal, logo na primeira parte do filme, o enredo segue a lógica do *thriller* político: muitas palavras, muitas andanças por corredores, muitas conversas às secretárias, muitas cenas de tribunal, com direito a uma «fase CSI», com a exumação e autópsia dos cadáveres em decomposição. Na altura da morte, Delgado fazia-se acompanhar pela secretária pessoal, a brasileira Arajaryr Campos, que usa óculos felinos à anos 60, e cujo papel no filme parece ser só «pegar casacos» dos restantes personagens (aguarda-se um pouco mais de desenvolvimento desta figura no formato de série televisiva).

Um dos grandes trunfos de *Operação Outono* é o ator Carlos Santos (como um Rosa Casaco tão magnífico quanto sinistro). É ele que (des) governa toda esta operação, que culminou na morte e num duplo enterro apressado em solo espanhol, e que, apesar da sintonia franquista com Salazar, causou o maior embaraço e humilhação ao presidente do Conselho, e sérias complicações diplomáticas. Cheia de falhas e de partes gagas, e, pior do que isso, de testemunhas, a operação de-pressa se desmascarou: os corpos foram facilmente encontrados, o anel militar



Os operacionais da Pide Entre eles, Rosa Casaco (Carlos Santos, à esq.), na altura em que se desvencilham das provas do crime, por uma ribanceira abaixo

de Humberto Delgado identificado, e aberto um processo de averiguações bastante sério em Espanha. Foi, aliás, graças à negligência portuguesa e à diligência espanhola que muitos pormenores do assassinio puderam ser descortinados. Silva Pais e Barbieri Cardoso, diretores da PIDE, ainda tentaram a velha desculpa do «foram os comunistas»: não pegou.

Cuidado com o Casimiro

Se as imagens de época (em Argel, Itália ou Marrocos), retiradas de películas da altura, são meramente circunstanciais, e até produzem alguns «choques» de *racord*, toda a sequência de época referente ao 25 de Abril, acompanhada pela música *E Depois do Adeus* (resulta sempre), torna-se quase comovente. Bruno de Almeida que, curiosamente, nasceu no ano em que Delgado foi morto (1965), saiu à rua nesse dia «inicial inteiro e limpo» com o pai, tendo acompanhado o entusiasmo do povo, e presenciado o tiroteio na António Maria Cardoso. Ele, que não queria fazer um filme bonito, com planos compostos, e que procurou mesmo «o antiestético», acabou por conseguir uma das mais belas e solares sequências do 25 de Abril – sem imagens demasiado

requentadas nem os clichés do costume.

Sem nunca se afastar do ponto de vista documental – «o objetivo era filmar a verdade» –, diz, e sem nunca parecer cuidado (apesar da opção pelo 16mm), tem cenas que podem salvar o filme inteiro: como os percursos nos soturnos corredores da PIDE, ou a deixa cómica de Maria Humberta (interpretada por Cleia Almeida), uma das filhas do general, que assiste pela televisão às exéquias fúnebres do ditador, com o maxilar encarquilhadinho; ou os interrogatórios dos militares do MFA ao desgraçado do guarda fronteiriço (Camané, sem fado mas com farda, uma revelação...).

O brutamontes Casimiro, um autêntico assassino profissional. «o animal», como lhe chamavam os colegas da PIDE, é dado como autor material do crime, mas o filme apresenta a tese de que o general pode ter sido assassinado de forma ainda mais brutal do que se supunha. Sobretudo deixa a mensagem, muito pouco subtil (diga-se de passagem): «A PIDE tinha 20 mil informadores, eles andam aí». O que importa reter é que esta história não tem donos: nem aqueles que mais ordenavam, nem aqueles que a tentaram enterrar a sete palmos de terra. ▣